

IAN RANKIN

DENÚNCIAS

TRADUÇÃO
Álvaro Hattner



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2009 by Ian Rankin

Proibida a venda em Portugal.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original:
The complaints

Capa:
Elisa v. Randow

Foto de capa:
Ana Ottoni

Preparação:
Leny Cordeiro

Revisão:
Luciane Helena Gomide
Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rankin, Ian

Denúncias / Ian Rankin ; tradução Álvaro Hattnher. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Título original: *The complaints*.

ISBN 978-85-359-1924-0

1. Ficção policial e de mistério (Literatura inglesa) I.
Título.

11-06933

CDD-823.0872

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção policial e de mistério : Literatura inglesa 823.0872

2011

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

SEXTA-FEIRA,
6 DE FEVEREIRO DE 2009

1

Houve um início de aplauso quando Malcolm Fox entrou na sala.

“Não precisa exagerar”, disse ele, colocando a pasta surrada sobre a mesa mais próxima da porta. Havia dois outros colegas no escritório. Eles já estavam voltando ao trabalho quando Fox começou a tirar o sobretudo. Quase cinco centímetros de neve tinham caído durante a noite em Edimburgo. Uma quantidade semelhante paralisara Londres havia uma semana, mas Fox conseguira chegar ao trabalho e, ao que parecia, todos os outros também. Era como se o mundo lá fora estivesse temporariamente purificado. Surgiram marcas no jardim de Fox — ele sabia que havia uma família de raposas em algum lugar perto de seu imóvel: a parte de trás das casas dava para um campo de golfe municipal. O apelido dele no QG da polícia era “Foxy”,* mas ele não se via dessa forma. “O homem parece um urso” — foi assim que um de seus antigos chefes o descreveu. Lento, mas firme, e apenas de vez em quando inspirava temor.

Tony Kaye, com uma pasta enorme enfiada embaixo do braço, passou pela mesa e conseguiu apertar o ombro de Fox sem deixar cair nada.

“Mas foi legal mesmo assim”, disse ele.

“Obrigado, Tony”, disse Fox.

O Quartel-General da Polícia de Lothian and Borders ficava na avenida Fettes. De algumas janelas, era possível

(*) “Foxy”, em inglês, significa “raposa”. (N. T.)

ver o Fettes College. Alguns dos policiais na Divisão de Denúncias tinham frequentado escolas particulares, mas nenhum estivera em Fettes. O próprio Fox teve a maior parte de sua formação em instituições públicas — Boroughmuir e depois Heriot Watt. Torcia pelo Hearts FC, embora raramente conseguisse assistir a um jogo, nem mesmo quando aconteciam na cidade. Não se interessava por rúgbi, mesmo quando a cidade abrigava o campeonato Six Nations. Fevereiro era o mês do Six Nations, o que significava que haveria hordas de galeses na cidade naquele fim de semana, vestidos de dragões e carregando enormes alhos-porós infláveis. Fox pensou que iria assistir à partida pela televisão, quem sabe se animaria até mesmo a ir ao pub. Fazia cinco anos já que estava longe da bebida, embora nos últimos dois tivesse feito algumas visitas ocasionais. Mas apenas quando estava com um bom estado de espírito; apenas quando sua força de vontade estava forte.

Pendurou o sobretudo e percebeu que podia tirar o paletó também. Alguns de seus colegas no quartel-general achavam que os suspensórios eram exibicionismo, mas ele havia emagrecido e não gostava de cintos. Os suspensórios não eram espalhafatosos — azul-escuros sobre uma camisa azul-clara. A gravata de hoje era de um tom de vermelho bem escuro. Colocou o paletó no encosto da cadeira, endireitou-o nos ombros e sentou-se, abrindo a pasta e tirando a papelada sobre Glen Heaton. Heaton era a razão dos breves aplausos do pessoal da Divisão de Denúncias. Heaton era um resultado. Fox e sua equipe tinham levado quase um ano para montar o processo. Esse processo agora fora aceito pelo escritório da promotoria, e Heaton, que fora advertido e interrogado, iria a julgamento.

Glen Heaton — quinze anos na força, onze deles no Departamento de Investigação Criminal. E, durante a maior parte desses onze anos, ele distorceu as regras em vantagem própria. Mas Heaton ultrapassou demais os limites, vazando informações não só para os colegas, mas para os próprios criminosos. E isso despertou mais uma vez a atenção da Divisão de Denúncias.

Denúncias e Conduta, esse era o nome completo da divisão. Eles eram os policiais que investigavam outros policiais. Eram “a Brigada dos Sapatos Macios”, os “Saltos de Borracha”. Dentro da Divisão de Denúncias e Conduta havia outro grupo menor — a Unidade de Normas Profissionais. Enquanto a D e C cuidava do feijão com arroz — queixas sobre carros-patrolha estacionados em vagas para deficientes ou vizinhos policiais que escutavam música alto demais — a UNP era às vezes chamada de “o Lado Sombrio”. Eles investigavam racismo e corrupção. Investigavam propinas e gente que fazia vista grossa. Eram discretos, sérios e determinados, e tinham tanto poder quanto era necessário. Fox e sua equipe eram da UNP. O escritório deles ficava em um andar diferente da D e C, e era muito menor. Heaton foi vigiado durante meses, o telefone de sua casa foi grampeado, os registros de ligação do celular foram investigados, seu computador, verificado duas vezes — tudo sem que ele soubesse. Foi seguido e fotografado até que Fox soubesse mais sobre ele do que a própria esposa de Heaton, o que incluía a dançarina com quem ele andava saindo e o filho que teve em um relacionamento anterior.

Muitos policiais faziam a mesma pergunta ao pessoal da Divisão de Denúncias: como vocês conseguem? Como podem humilhar seus próprios colegas? Eram policiais com os quais eles já haviam trabalhado, ou com quem poderiam trabalhar no futuro. Eram, como se dizia com frequência, “os mocinhos”, “a turma do bem”. Mas o problema era exatamente este — o que significava ser “do bem”? Fox se fez essa pergunta diversas vezes, encarando o espelho atrás do bar e bebendo um refrigerante sem nenhuma pressa.

Somos nós e eles, Foxy... às vezes é preciso usar uns atalhos, caso contrário não se consegue fazer nada... você mesmo nunca fez isso? Você é mais realista do que o rei, é? Totalmente íntegro?

Não, totalmente íntegro, não. Às vezes era como se estivesse sendo arrastado — arrastado para a UNP sem de fato querer fazer isso. Arrastado para relacionamentos... e para

fora deles não muito tempo depois. Ele abriu as cortinas de seu quarto naquela manhã e ficou olhando a neve, pensando em ligar para o escritório, dizer que a rua estava bloqueada. Mas então o carro de um vizinho passou lentamente e a mentira derreteu. Ele viera trabalhar porque aquilo era o que fazia. Ele vinha para o trabalho e investigava policiais. Heaton estava suspenso agora, ainda que continuasse recebendo salário integral. A papelada fora passada para o promotor.

“Então é isso?” O outro colega de Fox estava em pé na frente da mesa, as mãos enfiadas nos bolsos da calça como de costume, movendo o corpo devagar, apoiado nos calcanhares. Joe Naysmith, seis meses no serviço, ainda entusiasmado. Tinha vinte e oito anos, o que era pouco para estar na Divisão de Denúncias. Tony Kaye achava que Naysmith via naquele emprego uma rota rápida para chegar à administração. O jovem sacudiu a cabeça, tentando fazer alguma coisa com a franja do cabelo, motivo de constantes gozações dos colegas.

“Até aqui, tudo bem”, disse Malcolm Fox. Ele tirou um lenço do bolso da calça e assoou o nariz.

“Então, esta noite a bebida é por sua conta?”

Atrás de sua mesa, Tony Kaye estava ouvindo. Ele se recostou na cadeira, estabelecendo contato visual com Fox.

“Só não pode ser nada mais forte do que um milk-shake para quem está desmamando. Senão logo, logo vai querer usar calças compridas.”

Naysmith virou-se e tirou a mão do bolso por tempo suficiente para mostrar o dedo médio para Kaye. Kaye fez beicinho e voltou à sua leitura.

“Vocês não estão em um parquinho, porra!”, rosnou uma nova voz que vinha da porta. Lá estava o inspetor-chefe Bob McEwan. Ele entrou como se estivesse passeando e esfregou de leve os nós dos dedos na testa de Naysmith.

“Cortar o cabelo, jovem Joseph — o que foi que eu lhe disse?”

“Sim, senhor”, murmurou Naysmith, voltando para sua mesa. McEwan estava olhando seu relógio de pulso.

“Fiquei duas horas naquela maldita reunião.”

“Tenho certeza de que vocês fizeram bastante coisa, Bob.”

McEwan olhou para Fox. “O chefe acha que tem alguma coisa cheirando muito mal em Aberdeen.”

“Deu algum detalhe?”

“Ainda não. Não posso dizer que estou ansioso para ver isso na minha caixa de entrada.”

“Você tem amigos em Grampian?”

“Eu não tenho amigos em lugar nenhum, Foxy, e é desse jeito que eu gosto.” O inspetor-chefe fez uma pausa, aparentemente se lembrando de algo. “Heaton?”, perguntou, e viu Fox fazer que sim com a cabeça. “Muito bom.”

Pelo jeito como falou, Fox sabia que o chefe tinha escrúpulos. Em um passado longínquo, ele havia trabalhado com Glen Heaton. A posição de McEwan era a de que o homem fizera um ótimo trabalho, conquistando todas as vantagens a que tinha direito. Um bom policial, na maior parte do tempo...

“Muito bom”, disse McEwan de novo, ainda mais distante dessa vez. Ele saiu do devaneio com um movimento dos ombros. “E o que mais temos hoje?”

“Uma coisinha ou outra.” Fox estava assoando o nariz novamente.

“Ainda não se livrou dessa gripe?”

“Parece que ela gosta de mim.”

McEwan olhou mais uma vez para o relógio. “Já passou da hora do almoço. Por que não terminar mais cedo?”

“Como disse?”

“Tarde de sexta-feira, Foxy. Pode ser que apareça alguma coisa nova na segunda, então é melhor recarregar as baterias.” McEwan pôde perceber no que Fox estava pensando. “Mas não Aberdeen”, declarou.

“O quê, então?”

“Pode ser que apareça no fim de semana.” McEwan deu de ombros. “A gente conversa na segunda-feira.” Ele fez menção de ir embora, mas hesitou. “O que Heaton disse?”

“Só me deu um daqueles olhares dele.”

“Eu já vi gente correr assustada quando ele faz isso.”

“Eu não, Bob.”

“Não, você não.” O rosto de McEwan se crispou em um sorriso enquanto se dirigia para o canto extremo da sala, onde ficava sua mesa.

Tony Kaye voltara a se recostar na cadeira. O homem tinha ouvidos mais aguçados do que qualquer escuta eletrônica. “Se você vai para casa, me deixa uma nota de dez libras.”

“Para quê?”

“Para aquelas bebidas que você nos deve — alguns copos de cerveja para mim e um milk-shake para o moleque.”

Joe Naysmith verificou se o chefe não estava olhando e mostrou o dedo médio para Kaye de novo.

Malcolm Fox não foi para casa, não imediatamente. Seu pai estava em uma casa de repouso no lado leste da cidade, não muito longe de Portobello. Tempos atrás Portobello fora um ótimo lugar. Era o lugar para se ir no verão. Para brincar na praia, ou caminhar no passeio público. Havia sorvetes de casquinha, máquinas caça-níqueis e peixe com batatas fritas. Castelos de areia perto da água, onde a areia era grudenta e maleável. As pessoas empinavam pipas ou arremessavam pedaços de pau para o cachorro. A água era tão fria que a gente não podia respirar por alguns instantes, mas depois não queria mais sair de lá. Os pais sentados com suas cadeiras de praia listradas, às vezes com um guarda-vento preso na areia. A mamãe teria preparado um piquenique: o gosto forte da pasta de carne espalhada sobre pão branco; algumas garrafas de Barr's Cola mornas. Sorrisos e óculos escuros, e papai com suas calças enroladas até o joelho.

Já fazia alguns anos que Malcolm não levava seu pai até o passeio na praia. Às vezes pensava em fazer isso, sem

levar a ideia adiante. As pernas do velhinho não eram muito firmes — era isso o que ele dizia para si mesmo. Não gostava de pensar que era porque as pessoas poderiam ficar olhando para eles dois: um idoso, com sorvete derretido escorrendo pelas costas da mão que segurava o cone, sendo levado na direção de um banco pelo filho. Eles se sentariam e Malcolm Fox limparia o sorvete dos chinelos do pai com o lenço, o mesmo lenço que usaria para limpar o queixo grisalho.

Não, não era isso, de jeito nenhum. É que hoje estava frio demais.

Fox pagava mais pela casa de repouso do que por sua hipoteca. Ele pedira à irmã para dividir a despesa, e ela respondeu que faria isso assim que pudesse. A casa era particular. Fox tinha visitado algumas opções públicas, mas os lugares eram escuros e não cheiravam bem. Lauder Lodge era melhor. Uma parte do dinheiro que Fox guardara fora usada para isso, o que resultou em papel de parede de qualidade e purificadores de ar com aroma de pinho. Também sentia cheiro de talco, e a falta de odores desagradáveis da cozinha era uma prova da boa ventilação do lugar. Ele encontrou vaga para estacionar ao lado do prédio e se apresentou na porta da frente. Era uma casa vitoriana sem ligação com outras e deveria valer algo em torno de sete dígitos até a crise recente. Havia uma sala de espera perto das escadas, mas uma das funcionárias lhe disse que ele poderia ir até o quarto do pai.

“Já sabe o caminho, senhor Fox”, disse ela, e ele assentiu e foi na direção do maior dos dois corredores. Havia um anexo, construído em ligação com a estrutura original há cerca de dez anos. As paredes tinham pequenas rachaduras e em alguns lugares o envidraçamento duplo apresentava condensação, mas os quartos eram claros e arejados — as mesmas palavras com as quais ele fora asseidiado quando visitou o lugar pela primeira vez. Claro, arejado e sem escadas, e alguns com banheiros privativos para uns poucos sortudos. O nome de seu pai estava datilografado em um cartão preso à porta.